



Discurso de Gulnar Azevedo e Silva na Cerimônia virtual de entrega do 3º Prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher”

É uma honra muito grande para mim estar recebendo da SBPC o prêmio Carolina Bori. Ter meu trabalho reconhecido em uma premiação que tem o nome de Carolina Bori, esta grande pesquisadora brasileira que é motivo de orgulho, um verdadeiro exemplo para todas nós mulheres pesquisadoras, tem um significado muito especial. Quero parabenizar as companheiras Nilma Gomes e Beatriz Silveira Barbuy que também foram agraciadas. É um privilégio estar ao lado delas hoje nesta solenidade.

Quero agradecer à SBPC por este reconhecimento e dizer o quanto essa entidade tem sido fundamental na construção de um Brasil mais justo. A SBPC nos seus 74 anos de existência tem desempenhado um papel único no país mostrando o valor da ciência e organizando as entidades científicas em prol do desenvolvimento da nação. Foi assim durante a ditadura militar, quando a SBPC reagiu heroicamente à perseguição de pesquisadores e ao massacre de instituições no país. E agora novamente, diante deste governo que tem como projeto destruir políticas públicas e atacar a autonomia universitária, a SBPC se mobilizou ativamente contra os sucessivos cortes de financiamento na educação, na ciência e tecnologia e na saúde.

Enquanto presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) que estive até julho de 2021, pude conviver com Ildeu Castro, presidente da diretoria anterior da SBPC, e Fernanda Abreu e Claudia Linhares, que continuam na diretoria atual. Senti de perto a dedicação e a força que a SBPC exerce junto à sociedade civil organizada. Não há dúvida de que isto ficou muito claro com a pandemia de Covid-19.

Um mês após o primeiro caso de Covid-19 ser sido registrado oficialmente no Brasil, a SBPC, juntamente com a CNBB, OAB, Comissão Arns, ABC e ABI, na contramão de manifestações do governo minimizando a gravidade da pandemia que se



avizinhava, divulgou uma nota conjunta – Em Defesa da Vida –, alertando a população para a necessidade de ficar em casa, respeitando as recomendações da ciência, dos profissionais da saúde e seguindo a experiência internacional. A nota foi destaque na imprensa de todo o país. Essa iniciativa nos inspirou a começar em maio de 2020 uma articulação entre a SBPC, ABI, CNBB, ANDIFES, as entidades da saúde coletiva (ABRASCO, CEBES, SBB e Rede Unida) e o Conselho Nacional de Saúde com o objetivo de unir forças para impedir o aumento das mortes pela pandemia de Covid-19. Assim, no dia 29 de maio de 2020, foi lançada a Frente pela Vida com a participação de várias entidades científicas, movimentos sociais e parlamentares.

O primeiro ato político que marcou o início da Frente pela Vida foi a Marcha Virtual no dia 09 de junho de 2020. A SBPC não só entendeu que o momento exigia uma grande união de todas as vozes democráticas do país, como se empenhou diretamente para que esta marcha tivesse uma ampla adesão. Os pilares defendidos na declaração desta Marcha de 2020 ainda se mantêm vivos e atuais: seguir a ciência, fortalecer o SUS, a solidariedade com as populações vulnerabilizadas, a preservação do meio ambiente, a defesa da democracia e o respeito à Constituição.

Desde então, a participação da SBPC neste movimento tem sido essencial, assim como tem sido essencial a participação da SBPC unindo entidades científicas e movimentos sociais e mantendo sua voz firme na defesa da educação, da ciência e tecnologia, do SUS e de todos os direitos sociais conquistados no país.

Na data de hoje, o Brasil está chegando a dois anos da pandemia de Covid-19 e a um total de 636.017 óbitos confirmados oficialmente. São quase dois anos que estamos falando cotidianamente que o país poderia estar tendo um outro quadro se as autoridades políticas e sanitárias seguissem a ciência. Na Frente pela Vida não só denunciávamos a incapacidade deliberada do governo federal em lidar com a crise sanitária, como também nos empenhamos para apresentar, ainda em julho de 2020 (no primeiro ano de pandemia), um Plano Nacional de Enfrentamento à Covid-19 construído por várias mãos, com a participação de diversas sociedades científicas



da área da saúde, junto com o Conselho Nacional de Saúde e com grande apoio da SBPC. Esse plano foi entregue ao Ministério Saúde, ao Congresso Nacional, e foi amplamente discutido entre parlamentares, espaços do controle social e universidades.

Seguimos nesta frente, ABRASCO, SBPC e demais entidades parceiras, entre elas a ANPED, e fico muito feliz de que a colega Nilma, associada da ANPED, esteja sendo homenageada também. Denunciamos a escalada das mortes e o descaso do governo para com a pandemia, mas também chamamos a atenção da necessidade de pressionar o Ministério da Saúde e da Educação para reverter a crise sanitária e na educação.

Acredito assim que esta premiação tem um valor inestimável em escolher dentre as áreas biológicas e da saúde uma representante da saúde coletiva. Opção profissional que fiz ainda quando estudante de medicina e que a cada dia tenho certeza de que foi a mais certa. Entendendo a grande desigualdade econômica e social que o Brasil historicamente sempre enfrentou, fiz na minha trajetória profissional uma aliança entre a vida acadêmica como epidemiologista e a atuação política junto aos demais colegas sanitaristas que na nossa entidade ABRASCO sempre lutaram pela democracia e pelo direito universal à saúde.

Me orgulho de ter me formado e depois seguir como professora na UERJ, a primeira universidade brasileira a instituir o sistema de cotas sociais e raciais e os cursos noturnos permitindo que trabalhadores pudessem ter acesso ao ensino. Me orgulho de ser docente do Instituto de Medicina Social que hoje tem o nome de Hesio Cordeiro, grande mestre e inspirador dos sanitaristas da minha geração.

Agradeço a atual diretoria da ABRASCO por ter me indicado a concorrer a este prêmio e deixo aqui minha gratidão aos 10 vice-presidentes e os 11 membros do conselho deliberativo que compuseram a diretoria da entidade neste período em que fui presidente. Conseguimos, com todo o contexto político desfavorável, atuar em harmonia e representar os sanitaristas brasileiros no combate às fake news, ao



negacionismo, mostrando para toda a sociedade o papel da saúde coletiva e da ciência.

Por último, queria dizer o quanto me emociono ao receber este prêmio Carolina Bori dedicado a mulheres cientistas. Somos muitas e continuamos trabalhando em nossas universidades e centros de pesquisa porque acreditamos que a ciência salva vidas. E foi isto que mostramos para a sociedade brasileira nesta pandemia: foi a ciência que tem trazido a resposta para lidar com este vírus que levou a vida de tantos brasileiros e brasileiras e trouxe muito sofrimento à nossa população já tão sofrida.

As mulheres pesquisadoras, as trabalhadoras da saúde (elas eram maioria atuando na linha de frente dos serviços de saúde), mostraram o seu papel. Mesmo tendo que se dividir entre o trabalho e o cuidado dos filhos e dos idosos não fugiram à luta. Muitas foram vitimadas pela doença. Essas mulheres, verdadeiras guerreiras merecem todo o nosso reconhecimento e respeito.

Entendo que este prêmio traz a marca da resistência e estendo o seu significado para todas as companheiras sanitaristas, colegas pesquisadoras e professoras.

A pandemia não acabou e são enormes os desafios para sair desta crise sanitária e política que assola o país. A voz e a força das mulheres serão essenciais na reconstrução do país. Queremos uma nação com oportunidades e direitos iguais para todas e todos. Não desistiremos, seguiremos lutando.

Muito obrigada!